

DOM HELDER E O CONCÍLIO VATICANO II

Patrícia Gurgel Medeiros Gastão¹
José Janedson de Oliveira²
José Alves Paiva Junior³

RESUMO

Este trabalho baseado em pesquisa teórico-bibliográfica, tem como objetivo apresentar uma breve análise acerca do papel exercido por D. Helder Camara no Concílio Vaticano II. Para tanto, o trabalho fundamenta-se, sobretudo, na obra *O caminho espiritual de Dom Helder Camara* de Ivanir Antonio Rampon (2013). D. Helder Camara não assumiu nenhuma comissão oficial durante o Vaticano II, mas, pelos bastidores, teve um papel importante, sendo considerado uma das maiores lideranças da assembleia conciliar. Não se trata de um papel isolado, mas colegiado e sinodal. Juntamente com outros bispos, teólogos e leigos de diversas partes do mundo, que partilhavam das mesmas ideias, criaram grupos informais de estudo, a saber, os “Ecumênicos”, o “Opus Angeli” e “Igreja dos Pobres”. Os trabalhos destes grupos, assumiram a tarefa conciliar do *Aggiornamento* com tanta responsabilidade e sensibilidade aos sinais dos tempos que o próprio Papa chegou a consulta-los para que dessem suporte as suas decisões. Dom Helder viveu o Concílio, enriqueceu o Concílio com a sua sabedoria e voltou deste mesmo evento primaveril disposto colocar em prática um cristianismo aberto, libertador, promotor de justiça e da paz. Voltou, portanto, do Concílio Vaticano II com um programa de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Vaticano II. Helder Câmara. Igreja. Pobre.

1 INTRODUÇÃO

O Concílio Ecumênico Vaticano II foi um “divisor de águas” para a Igreja. Não porque “dividiu a Igreja”, mas porque abre as portas da Igreja para o diálogo com o mundo moderno e ao mesmo tempo realiza internamente uma ressignificação da sua autoimagem a

¹ Mestrado em andamento na área concentração em Teologia Sistemático-Pastoral e linha de pesquisa: Teologias de Temas de Fronteiras do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Possui graduação História pela UERN e em Teologia pela Faculdade Diocesana de Mossoró (2017). E-mail: pat.gastao@gmail.com

² Mestrado em andamento na área de Literatura Bíblica e Teológica: Interpretações, do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Possui graduação em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2002) e especialização em Metodologia e Docência do Ensino Superior pela Faculdade do Vale do Jaguaribe (2014). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática. E-mail: pjr_30@hotmail.com

³ Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) com bolsa PROSUP/CAPS. Líder do Grupo de Estudos em Teologia e Ciências da Religião: hermenêuticas e práticas emancipatórias do curso de Teologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). E-mail: paivajunior19@gmail.com

partir de uma volta às fontes bíblicas e patrísticas. Entretanto, convém ressaltar que o Concílio não é fruto do acaso, antes, é o resultado de movimentos intra eclesiais que ansiavam renovação na Igreja e do esforço de homens comprometidos com a renovação da Igreja como Dom Helder Camara.

A princípio, é mister dizer que D. Helder Camara não assumiu nenhuma comissão oficial durante o Concílio e mesmo assim teve um papel importante nas discussões acerca dos textos que, após serem aprovados, constituem hoje os documentos, decretos e constituições do Vaticano II, como por exemplo, a Constituição *Gaudium et spes*. Sendo assim, este trabalho⁴ tem como objetivo destacar o papel exercido por D. Helder Camara no Concílio Vaticano II, bem como do Concílio em sua vida.

Para tanto, a pesquisa pretende responder os seguintes questionamentos: Como é que D. Helder, mesmo não tendo assumido nenhuma comissão oficial no Vaticano II, conseguiu ser uma presença marcante no Concílio? Além disso, qual a importância do Concílio na vida de D. Helder?

Em vista de alcançar o objetivo proposto, num primeiro momento, destacaremos a presença de D. Helder no Vaticano II a partir da “clandestinidade” que culminará com um autêntico e fecundo protagonismo da colegialidade episcopal, comunhão e sentido de pertença eclesial. Num segundo momento, destacaremos não mais a presença e as estratégias de D. Helder para assegurar que as necessidades do povo fossem escutadas no Vaticano II, mas a “reviravolta” que o Concílio realiza na vida dele.

Precisar essas duas questões, é importante tanto para revisitar a história quanto para recuperar a atualidade de D. Helder: da sua ousadia profética, da sua dedicação aos mais pobres e desamparados, da sua capacidade de diálogo, da sua coragem para lutar em defesa dos injustiçados, da abnegação renúncia aos bens materiais, do seu apostolado em favor da paz, do amor, da esperança, da justiça e libertação de todo ser humano e do ser humano todo.

⁴ Originalmente apresentado como TCC (monografia) de Patrícia Gurgel Medeiros Gastão em vista da conclusão do curso de Teologia na Faculdade Diocesana de Mossoró (2018), com título: *A dimensão social da Eucaristia na perspectiva de Dom Helder Câmara*.

2 DA “CLANDESTINIDADE” AO PROTAGONISMO COLEGIADO

O Concílio Vaticano II foi um divisor de águas tanto na vida da Igreja quanto na vida de Dom Helder. O “Dom” (como carinhosamente era chamado em Recife) não assumiu nenhuma comissão oficial durante o Vaticano II, mas, pelos bastidores, assumiu um papel importantíssimo, sendo considerado uma das maiores lideranças da Assembleia Conciliar. Agia por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, da Conferência Episcopal da América Latina e do Caribe - CELAM como também na “clandestinidade”.

Foi, talvez, por meio da “clandestinidade”⁵ que D. Helder conseguiu mudar estratégias e até mesmo esquemas preparados pelo secretariado do Concílio e, com isso, garantir a dinâmica de *aggiornamento* do Concílio. O fato é Dom Helder juntamente com outros bispos comprometidos, de fato, com a renovação da Igreja tiveram a iniciativa de criar grupos “informais” para discutirem antecipadamente os assuntos polêmicos que seriam votados no dia seguinte na assembleia conciliar. Dentre esses grupos, destacam-se: o “*Opus Angeli*”, o “Ecumênicos” e “Igreja dos Pobres”.

Esses grupos eram constituídos por bispos, teólogos e leigos que estavam decididos em levar adiante os anseios de renovação para a Igreja. Eles ajudaram o Concílio a assumir a tarefa de renovação da Igreja que já havia iniciado com o movimento bíblico, litúrgico, pastoral e a ação católica, e que será de fato efetivada no Vaticano II, com espírito ecumênico, procurando superar a era constantiniana, e devolvendo identidade da Igreja como povo de Deus e dos pobres. (cf., RAMPON, 2013). O trabalho desses grupos se tornou tão conhecido e respeitado que o próprio Papa solicitou deles estudos que dessem suporte as suas decisões.

O *Opus Angeli* era formado por peritos de alto nível, teólogos de notável saber. Esses peritos construíram uma profunda visão teológico-espiritual da história, não só do passado, mas do presente, tendo em vista o futuro, discernindo o que o Espírito fala a Igreja naquele momento. (cf., RAMPON, 2013). Esse trabalho foi fundamental para que as intuições de renovação da Igreja fossem acolhidas no Concílio como intuições suscitadas pelo Espírito que continua a falar, guiar, iluminar, conduzindo e renovando a Igreja. O Concílio não foi apenas tarefa humana. Antes foi dom do Espírito.

⁵ O uso do termo é para dizer que esses grupos não eram oficiais. Eram grupos organizados, mas extraoficiais. O concílio tinha seus peritos que eram outros e não estes desses grupos.

Não obstante, com o apoio e proteção do cardeal belga Leon-Joseph Suenens, D. Helder fez parte e do grupo chamado Ecumênicos. Esse grupo era formado por Bispos representantes de todos os continentes. (cf., RAMPON, 2013). O Ecumênicos teve papel importantíssimo no Concílio, permitiu a participação mais efetiva dos Padres Conciliares na elaboração dos documentos, proporcionando as melhores condições para troca de pontos de vista e de experiências entre os membros do Episcopado mundial.

Segundo Dom Helder, “[...] o Ecumênico teve a alegria de ser o fermento bom e o agente de numerosas ideias que o Santo Padre aprovou [...] e é admirável, sobretudo para dois fins: pressentir o que vai ocorrer na Basílica e pôr em circulação, no mundo inteiro, algumas ideias válidas [...]. (RAMPON, 2013, p. 204).

A convivência próxima e informal e a troca de experiências entre os membros do Ecumênicos favoreceu melhor o conhecimento das realidades, das experiências, das diferentes culturas, de preocupações e anseios, conduzindo a um enriquecimento comunitário consequentemente a um fortalecimento da Igreja Universal. (RAMPON, 2013, p. 204). Além disso, esse grupo foi decisivo para que o Concílio pudesse assumir de fato a tarefa do diálogo com o mundo cristão para além das fronteiras demarcatórias da catolicidade.

O outro grupo, no qual D. Helder teve uma participação muito importante, foi o chamado Grupo da Pobreza, ou como ele denominava, o grupo da “Igreja Servidora e Pobre”. Esse grupo era constituído por Bispos que denunciavam a divisão entre a Igreja e os pobres, em especial os operários e solicitavam ao Concílio uma atenção. A Igreja “carregou suas tintas” contra o materialismo histórico, contra as filosofias socialistas e acabou “perdendo os pobres” para as ideologias. O Concílio não poderia calar diante dessa realidade.

Foi então por meio desse grupo que D. Helder conseguiu trazer ao debate os problemas dos países subdesenvolvidos. Foi desse grupo que se originou o Pacto das Catacumbas, que terá um impacto de grande repercussão espiritual na Igreja. Afinal, uma vez celebrado o “pacto” cada bispo “assumia o compromisso de viver pobre, rejeitar as insígnias, símbolos e privilégios do poder e a colocar os prediletos de Deus no centro do ministério episcopal, explicitando assim a evangélica opção pelos pobres.” (RAMPON, 2013, p. 206-207)

A tarefa de uma Igreja pobre para os pobres entra nas entrelinhas do Concílio, principalmente na *Gaudium et spes* e ganha força no processo de recepção das intuições de

renovação da Igreja. O continente latino-americano foi um dos que mais assumiu essa tarefa. Curiosamente, os bispos latino-americanos e teólogos que assumiram essa tarefa, foram os que mais sofreram repressão e perseguição no pós concílio, inclusive, da parte da Igreja.

É preciso dizer que a força dos grupos “clandestinos” estava, sobretudo, no caráter colegial e comunal que os constituía. Não havia entre eles interesses pessoais, rivalidade ou vaidade, havia sim espírito de unidade e de amor à Igreja. O fato é que as verdadeiras renovações não se fazem de fora para dentro, mas de dentro para fora. Ademais, não se faz renovação sem espírito de comunhão, unidade e pertença eclesial. Sendo assim, esses grupos dentre os quais D. Helder foi animador e referência, podem terem nascido no prisma da clandestinidade, mas no fundo o protagonismo deles revela-se na colegialidade da qual davam testemunho.

2 DA REVIRAVOLTA NA IGREJA À REVIRAVOLTA NA PRÓPRIA VIDA

Gestado a partir de vários movimentos e, como vimos, não menos que influenciado pelo protagonismo colegial dos grupos “clandestinos” comprometidos em levar a diante a renovação da Igreja, pode-se dizer que o Vaticano II foi um divisor de águas na vida da Igreja que por sua vez, realiza a inversão de: uma igreja-sociedade perfeita a Igreja-mistério; de uma Igreja-hierarquia à Igreja-povo de Deus; de uma Igreja em confronto com o mundo moderno para uma Igreja em diálogo com ele.

D. Helder procurou ajudar o Vaticano II a seguir a linha inspirada por Deus ao Papa João VI, que sonhava com o *Aggiornamento* da sua Igreja. Fiel à meta de manter o Concílio na linha inspirada por Deus a João XXIII, ele defendeu:

- 1) a sacramentalidade e a colegialidade episcopal;
- 2) a liturgia renovada e vivificada;
- 3) o diálogo ecumênico;
- 4) o diálogo entre o mundo subdesenvolvido e o desenvolvido;
- 5) um novo modelo de Igreja alicerçado na pobreza e no serviço;
- 6) a figura do Bispo-pastor;
- 7) a importância de dar atenção aos “sinais dos tempos”.

Com efeito, a participação de D. Helder no processo de construção do Concílio Vaticano II, por um lado, pode ser explicada por seus dotes naturais e experiência acumulada, de trabalho em conjunto, nos anos em que conviveu com leigos da Ação católica; pela experiência de ter criado e implantado a CNBB, bem como ter participado da fundação e organização do CELAM.

Por outro lado, a audácia e o êxito das iniciativas de D. Helder durante o Concílio, não podem ter apenas uma explicação humana. O que certamente explica tamanha audácia e êxito é a fé que D. Helder tinha e docilidade ao Espírito Santo. (Cf., RAMPON, 2013, p. 207). Inclusive, nos momentos mais duros do Concílio, com seu bom humor, sua mística, seu sorriso e a sua total confiança no Espírito Santo, “quebrava o gelo”, a fim de que fugissem o desânimo e a tristeza e se reacendessem a fé, a esperança e a caridade. Sendo assim, pode-se dizer que a importância de D. Helder para o Concílio tanto é histórica quanto espiritual.

Se é verdade, como se disse, que o Concílio foi um divisor de águas na vida da Igreja, quando se observa a vida de D. Helder, pode-se dizer acertadamente que o Concílio foi também um divisor de águas em sua vida. Segundo Rampon, “O Concílio, na concepção helderiana, não foi apenas um evento, mas um espírito, um programa de vida, uma concepção eclesial”. (RAMPON, 2013, p. 193). Para D. Helder, o Vaticano II não foi apenas um evento, mas sim um “espírito, uma nova forma de ser Igreja” (RAMPON, 2013, p. 238). E isto se pode confirmar, principalmente, através das famosas Circulares Conciliares enviadas às Famílias.

Através das Circulares Conciliares, D. Helder coloca em prática um cristianismo dialogal e próximo. Mostravam como vivia, via, desejava e rezava o Concílio. Ademais, revelava suas intenções: sua preocupação com o ecumenismo, com mundo subdesenvolvido, com a liturgia. Sonhava com a Missa concelebrada, demonstrava disposição em lutar pelo papel da mulher na Igreja e acreditava que se fazia necessário levar mesmo adiante as intuições “progressistas” do Concílio. (cf., RAMPON, 2013).

O Concílio, enquanto programa de vida e nova forma de ser Igreja, deu a D. Helder fundamentos para propagar um cristianismo aberto, libertador, promotor de justiça e da paz. (cf., RAMPON, 2013, p. 243). Sua ação pastoral na Arquidiocese de Olinda e Recife em favor dos pequeninos, dos oprimidos, sua opção preferencial pelos pobres evidencia que o Cristo é adorado em múltiplos altares: do pobre (enquanto altar) ao altar da celebração eucarística, não

há descontinuidade, passa-se de Cristo a Cristo. Nesse sentido, o Concílio realiza uma reviravolta eclesiológica e ao mesmo tempo uma reviravolta da vida do “Dom”.

O programa de vida que o Concílio oferece a D Helder, o ajuda a “revolucionar” sua vivência eucarística. Nos termos em que foi apresentado acima, pode-se afirmar que para D. Helder a Eucaristia possui uma dimensão social e essa dimensão não está separada da dimensão litúrgica, mística e espiritual. Sendo assim, pode-se dizer que tanto o Concílio é influenciado por D. Helder quanto D. Helder pelo Concílio e ambos pelo Espírito que conduz, ilumina e orienta a Igreja-povo de Deus.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

D. Helder é ainda hoje uma referência para a Igreja do Brasil e na América Latina. Dentre os Padres Conciliares, o “Dom” foi uma das personagens mais influentes no cenário internacional da Igreja na segunda metade do século XX. E parte disso, deve-se, a sua brilhante atuação “clandestina” no Concílio Vaticano II.

Movido pelo Espírito de Deus, conseguiu com realizar o que naquele momento era essencial para assegurar que a renovação da Igreja fosse, de fato, assumida como tarefa pelo Concílio. A Igreja necessitava de mudança na relação consigo mesma e com o mundo. Necessitava redescobrir o sentido da comunhão, da unidade e pertença eclesial. Precisava redescobrir a presença de Cristo entre e além dos templos, reconhecer, portanto, o Cristo no povo sofrido.

Em que pese, D. Helder e o Concílio se confundem sem implicam. Se por um lado ele não mediu esforços para que o Concílio realizasse a renovação a Igreja, por outro lado, o Concílio implicou um programa de vida radicalmente evangélico a D. Helder, a saber, a autocompreensão de ser Igreja pobre e voltada para os pobres com uma tarefa a ser assumida a partir de si.

O bispinho, ou carinhosamente o “Dom” para a grande maioria do povo recifense, é um marco na vida da Igreja, um profeta que se faz ouvir entre e além do seu tempo, ao menos, em duas direções: primeiro, no que diz respeito a dimensão social da Eucaristia. Para D. Helder, o Cristo não está somente no Pão e no Vinho, mas se encontra também no pobre, no injustiçado, no excluído, no humilhado, no faminto de diversos tipos de fome, na situação de

muitas mulheres e homens em situação de rua e pobreza extrema. A segunda direção na qual a voz profética de D. Helder se faz ouvir entre e além do seu tempo é desdobramento da primeira, trata-se da evangélica opção por uma Igreja pobre para os pobres.

Se a eucaristia que nutre e fortalece a Igreja-povo não é comunhão como Cristo pobre que passa fome de pão e não é configuração do “ser igreja” com este pobre, D Helder continuará a ser uma meta e/ou um horizonte para a Igreja do século XXI. Afinal, não basta clamar que haja pão em todas as mesas, é preciso comprometer-se para que não falte o pão aonde já tem e que chegue aonde ainda não tem. Não é suficiente dizer Igreja pobre para o pobre, é antes imperativo torna-se pobre com o pobre, viver a pobreza evangélica como virtude, dom, compromisso e configuração do seu ser com os sobrantes da história.

4 REFERÊNCIAS

CÂMARA, Helder. **O Evangelho com Dom Hélder**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1987.

CÂMARA, Helder. O Pão da vida e a sub-vida no mundo, discurso no Simpósio sobre a Fome Mundial, programação oficial do 41º Congresso Eucarístico Internacional na Filadélfia e Estados Unidos 02 de agosto de 1976. In: **Secretariado Regional Nordeste II – CNBB**. Serviço de Apostilas Ns. 18,21.

RAMPON, Ivanir Antonio. **O Caminho espiritual de Dom Helder Câmara** São Paulo: Paulinas, 2013.